

CENTROS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POR QUE DEVEMOS DEBATÊ-LOS:

Chamamos de Centros de Educação Ambiental (CEAs) aquelas iniciativas no campo da educação ambiental que dispõem de edificação-sede dotadas de infra-estrutura, instalações, espaços e recursos materiais, e gerenciadas por uma equipe educativa preparada para tal. Esta, por sua vez, atua norteadada por um projeto político-pedagógico que fundamenta todas as atividades do CEA; seus objetivos, procedimentos metodológicos empregados, formas de avaliação adotadas, etc. Tais CEAs vêm sendo promovidos e mantidos por uma infinidade de instituições no Brasil, quais sejam: universidades, ONGs, prefeituras, unidades de conservação, empresas, dentre outras. Ganham impulso considerável sobretudo a partir da ECO-92, conferência esta que alavancou a área ambiental no país de um modo geral.

No país podemos dizer que há terreno fértil para a proliferação de tais iniciativas, fato este que já vem ocorrendo (sobretudo ao longo dos anos 90) e que, pouco a pouco, passa a ser mais observado. São, sem dúvida, diversas as iniciativas nesse campo no Brasil, nas suas mais distintas regiões e com suas respectivas características sócio-ambientais, culturais, econômicas, etc.

De fato há no país uma infinidade de práticas rotuladas como de "educação ambiental", o que pode ser encarado sob duas óticas. Uma primeira (positiva), porque dessa forma, tem-se maior diversidade de práticas (projetos, programas, ações, etc) de educação ambiental, refletindo a espetacular diversidade cultural, étnica, ambiental, social, de nosso país. No entanto, essa diversidade de denominações conferidas a ações no campo da educação ambiental pode (e deve) ser encarada com mais atenção. Não podemos generalizar o uso do termo no país, dado que se tem nomeado como educação ambiental ações muito diferentes entre si, e que pouco compartilham de valores e princípios comuns, tanto do ideário ambientalista, quanto dos pressupostos da educação ambiental.

Em relação ao tema deste artigo, Centros de Educação Ambiental (CEAs), podemos afirmar que tal situação se repete. Ainda que não dispomos de dados e informações suficientes na atualidade para respaldar tal observação. Algumas pesquisas preliminares desenvolvidas (e outra em andamento) fornecem-nos alguns elementos que nos permitem tecer tais considerações e propor tais inferências no tocante a CEAs.

Há no Brasil uma considerável (e estimulante) carência de estudos e pesquisas, no âmbito da academia, relativa aos CEAs. Não dispomos de dados básicos sobre o tema. Não houve ainda uma discussão aprofundada sobre a construção de definições de CEAs: que tópicos/elementos devem ser considerados para se denominar alguma iniciativa como "Centro de Educação Ambiental" (CEA)? Quantos são os CEAs em atuação no Brasil na atualidade? O que eles fazem? Como atuam? Estão bem distribuídos nas regiões do país? A que público atendem com mais frequência? Qual sua missão principal? Que concepções têm de educação ambiental? Fundamentam, de fato, sua atuação em um projeto político-pedagógico bem elaborado?

De fato são muitas as indagações cabíveis e poucas as respostas concretas. Necessitamos fomentar um amplo e continuado debate no campo da educação ambiental, junto às suas diversas instituições e profissionais atuantes, visando iniciar uma longa e relevante discussão relativa as mais diversas questões inerentes a CEAs (equipe educativa, atividades realizadas, formas de avaliação, principais dificuldades, perspectivas, etc). Dessa forma estaremos buscando enfrentar um cenário que temos denominado como de "pleno empirismo" com que CEAs vem pautando suas intervenções em nosso país.

A universidade vem contribuindo timidamente para reverter esse quadro. São quase ausentes os trabalhos de pesquisa relativos a este tema que estamos tratando. A Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), unidade da Universidade de São Paulo (USP) de Piracicaba, vem contribuindo para o enfrentamento desse panorama, em especial através da atuação da OCA - Laboratório de Educação e Política Ambiental, nas áreas de pesquisa, extensão e formação. Estamos apenas iniciando um longo e árduo trabalho relativo aos CEAs no país, acreditando que o fomento a um debate mais aprofundado requer especial atenção e urgência, e deve ser estimulado junto aos diversos setores da sociedade que se encontram envolvidos com a temática dos CEAs no Brasil.

***Fábio Deboni da Silva é engenheiro agrônomo,
mestrando em Recursos Florestais da Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz /USP,
pesquisador do Laboratório de Educação e Política Ambiental desta escola e Facilitador da
Rede Brasileira de Centros de Educação Ambiental***